

ANALISTAS TEMEM DESVALORIZAÇÃO EM HONG KONG E ARGENTINA

Adam Nadel/AP

RISCO PARA OUTRAS MOEDAS

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — Os mercados internacionais continuam instáveis por causa da crise brasileira. A desvalorização crescente do real alimenta boatos de que China, Hong Kong e Argentina abandonarão a paridade em relação ao dólar e gera incertezas nas bolsas de valores. “O risco de mais desvalorização se espalha rapidamente”, disse Joel Kent, economista da Lehman Brothers. “Falar de uma nova rodada de desvalorização é o típico contágio

psicológico”, opinou Jorge Mariscal, estrategista de América Latina da Goldman Sachs. Para ele, é pouco provável que China, Argentina e Hong Kong desvalorizem suas moedas porque o ritmo de crescimento da economia já caiu e eles dispõem de sólidas reservas internacionais.

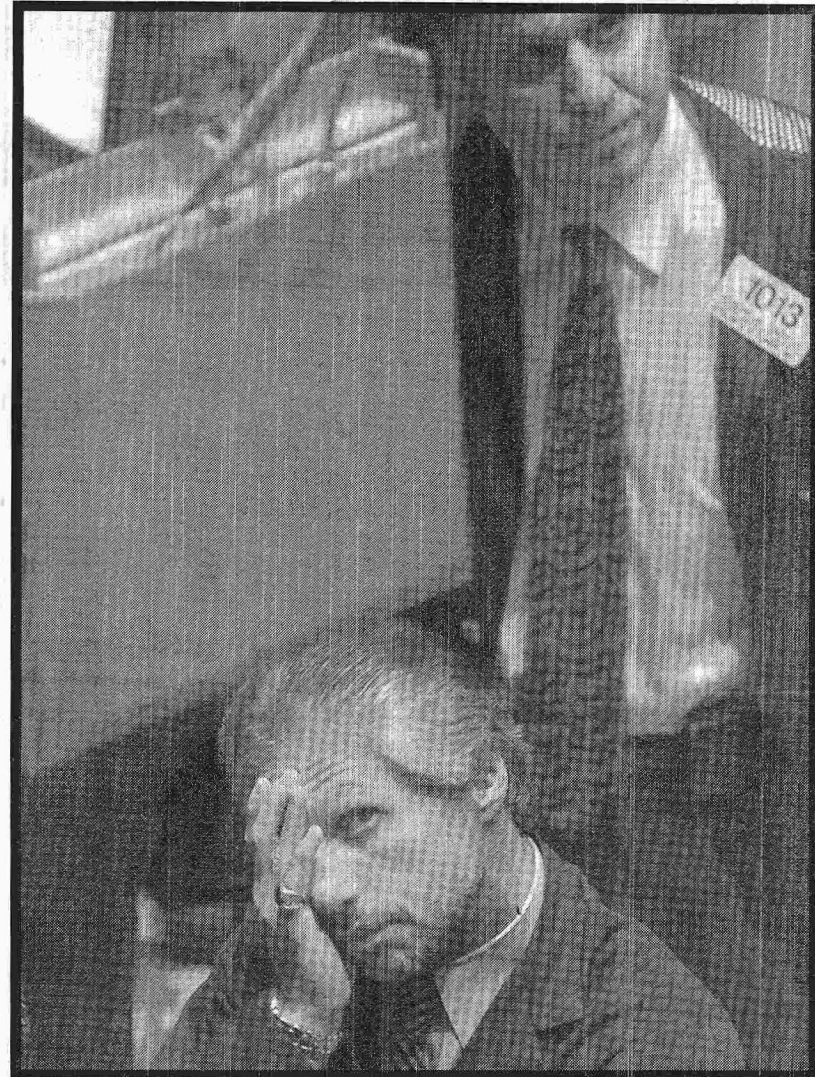
A Argentina é quem mais duramente sentirá os efeitos da crise brasileira, mas para abandonar o regime de *currency board* (paridade fixa com o dólar, em que um peso vale um dólar) tem de mudar a legislação e, para tanto, é necessária a aprovação do Congresso.

Em relação ao real, o peso argentino já ficou quase 50% mais caro desde o fim da âncora cambial. Isso encarecerá as exportações para o Brasil e, assim, o crescimento da Argentina deverá ser zero neste ano. Os argentinos anunciaram nesta semana a intenção de adotar o dólar como moeda oficial, regime existente no Panamá há vários anos. As autoridades americanas estudam a proposta.

O boato de novas desvalorizações influenciou o mercado de moedas. Pelo segundo dia consecutivo, o dólar subiu em relação ao iene em fun-

ção das especulações da desvalorização do yuan, a moeda da China. Alguns analistas acreditam que a forte pressão para Hong Kong abandonar a paridade com o dólar pode precipitar a mudança na cotação do yuan, informação negada por autoridades chinesas.

Se a China desvalorizar sua moeda, as exportações ficarão mais baratas, o que representa impacto negativo no Japão, que tenta tirar sua economia da recessão. Mas se os produtos chineses ficarem mais competitivos no mercado será mais difícil para o Japão retomar o crescimento.



Operador desanimado com os efeitos da crise brasileira em Wall Street